

E NÃO SOBROU NENHUM*

* *E não sobrou nenhum* foi anteriormente publicado como *O caso dos dez negrinhos*.

Produzida por Bertie Meyer e apresentada no Teatro St. James, em Londres, em 17 de novembro de 1943, com o seguinte elenco:
(por ordem de apresentação)

ROGERS	<i>William Murray</i>
NARRACOTT	<i>Reginald Barlow</i>
SRA. ROGERS	<i>Hilda Bruce-Potter</i>
VERA CLAYTHORNE	<i>Linden Travers</i>
PHILIP LOMBARD	<i>Terence de Marney</i>
ANTHONY MARSTON	<i>Michael Blake</i>
WILLIAM BLORE	<i>Percy Walsh</i>
GENERAL MACKENZIE	<i>Eric Cowley</i>
EMILY BRENT	<i>Henrietta Watson</i>
SIR LAWRENCE WARGRAVE	<i>Allan Jeayes</i>
DR. ARMSTRONG	<i>Gwyn Nicholls</i>

A montagem foi dirigida por Irene Hentschel.
Direção de arte de Clifford Pember.

A ação se passa na sala de estar de uma casa em Indian Island, na costa de Devon.

ATO I

Uma noite em agosto

ATO II

Cena 1 – A manhã seguinte

Cena 2 – Mesmo dia. À tarde

ATO III

Cena 1 – Mesmo dia. À noite

Cena 2 – Manhã seguinte

Época: a da composição da peça

ATO I

CENÁRIO: Sala de estar de uma casa em Indian Island. É uma sala muito moderna e decorada com muito requinte. O entardecer é iluminado pelo sol. O fundo do palco é quase que inteiramente tomado por uma janela com vista para o mar. Portas envidraçadas se abrem ao C para uma varanda. Deve dar a impressão de ser o deque de um navio, quase que suspenso acima do mar. Há uma cadeira à D lá fora na varanda, e o principal acesso para a casa presume-se que seja pelos degraus à E da varanda. Também se presume haver degraus à D da varanda, mas esses não dão acesso direto pelo cais, entende-se que façam o contorno da casa e subam na parte dos fundos, já que a casa supostamente está construída no costado de um morro íngreme. As portas envidraçadas são largas, de modo que boa extensão da sacada fica aparente.

À E, junto às janelas, fica uma porta que dá para a sala de jantar. Na EB fica a porta que se comunica com o hall. Uma sineta fica abaixo dessa porta.

Na DA fica a porta da biblioteca. À DC, fica a lareira. Suspensa acima dela, uma reprodução do poema infantil “Dez indiozinhos”. Sobre a cornija da lareira está um grupo de dez estatuetas de índios de porcelana. Não estão bem espaçados, mas amontoados, de modo que não se percebe o número exato de estátuas.

A sala é pouco mobiliada, com móveis modernos. Ao C, dois sofás com espaço entre eles. Cadeira e mesinha na EA. Poltrona de couro e banquetta à D, e, acima, na EB, também há uma estante de livros. Há um assento de janela na DA e um armário de bebidas abaixo da cornija. Banqueta na DB. Diante da lareira, um tapete grande e branco de pele de urso com a cabeça. Há uma poltrona e banquetta na DC. Um pufe quadrado diante da lareira. Um canapé com mesa à E dele, diante da janela D ao fundo.

Quando sobe a cortina, ROGERS está ocupado dando os toques finais na decoração. Está colocando garrafas na DB. ROGERS é um serviçal competente de meia-idade. Não um mordomo, mas um administrador social da casa. Rápido e habilidoso. Apenas um bocadinho capcioso e astuto. Ouve-se ruído de gaivotas. Soa ao longe a buzina de um barco. SRA. ROGERS entra vindo da sala de jantar na EA. Ela é uma mulher magra, preocupada, com ar assustado. Entra NARRACOTT pelas portas ao C vindo da E. Carrega uma cesta de mercado cheia de pacotes.

NARRACOTT. O primeiro grupo chega no barco do Jim. O restante vem logo atrás. (*Cruza para a E até ela*)

SRA. ROGERS. Boa noite, Fred.

NARRACOTT. Boa noite, sra. Rogers.

SRA. ROGERS. É aquele barco?

NARRACOTT. Isso.

SRA. ROGERS. Minha nossa, já? Não esqueceu de nada?

NARRACOTT. (*Entregando a cesta*) Acho que não. Limões. Linguados. Nata. Ovos, tomates e manteiga. Era isso, não?

SRA. ROGERS. Está certo. Tanta coisa pra fazer, não sei nem por onde começar. As empregadas só vêm de manhã, e todos esses convidados chegando ainda hoje.

ROGERS. (*À lareira*) Calma, Ethel, está tudo nos conformes. Ficou bonito, não é, Fred?

NARRACOTT. Pra mim, está bem arrumado. Meio vazio, mas os ricos preferem os lugares sem nada, me parece.

SRA. ROGERS. Os ricos são esquisitos.

NARRACOTT. E foi um cavalheiro do tipo esquisito que construiu esse lugar. Gastou uma fortuna aqui, foi mesmo, e então se cansou e colocou tudo à venda.

SRA. ROGERS. Não entendo por que os Owen quiseram comprar isso aqui, morar numa ilha.

ROGERS. Ah, deixe pra lá, Ethel, e leve toda essa tralha para a cozinha. Vão chegar a qualquer minuto.

SRA. ROGERS. E vão usar a subida íngreme como desculpa para tomar um drinque, imagino. Como outros que conheço.

(Ouve-se a buzina do barco à distância.)

NARRACOTT. Deve ser o jovem Jim. Estou de saída. Dois cavalheiros vão chegar de carro, pelo que entendi. *(Vai até a varanda.)*

SRA. ROGERS. *(Chamando)* Pela manhã vou querer pelo menos cinco pães e oito canecas de leite, lembre-se.

NARRACOTT. Certo.

(SRA. ROGERS deposita a cesta no chão à EA; sai para o corredor pela porta E 1.)

ROGERS. *(Corre para a D da janela)* Não se esqueça do óleo de motor, Fred. Preciso repor amanhã ou vamos ficar sem luz.

NARRACOTT. *(Saindo pela E)* Estava retido na estrada de ferro. Chegou à estação ainda agora. Vou trazer logo cedo.

ROGERS. E dê uma mão com a bagagem, por favor.

NARRACOTT. Certo.

SRA. ROGERS. *(Entra com uma lista)* Esqueci de passar a lista de convidados, Tom.

ROGERS. Obrigado, patroa. *(Olha pensativo para a lista)* Hum, não parece um grupo muito fino. *(Aponta para a lista)* Srta. Claythorne. Deve ser a secretária.

SRA. ROGERS. Não me dou muito bem com secretárias. São piores que enfermeiras de hospital e ficam de pose, fazendo pouco dos empregados.

ROGERS. Ah, pare de rezingar, Ethel, e vá logo para aquela sua cozinha linda, moderna e caríssima.

SRA. ROGERS. (*Apanha a cesta. Sai pela porta E 2*) É muita engenhoca moderna pro meu gosto!

(*Vozes de VERA e LOMBARD são ouvidas lá fora. ROGERS para nas portas centrais para recebê-los. Faz papel do empregado bem treinado e atencioso. VERA e LOMBARD entram pela E da varanda. Ela é uma moça bonita de uns 25 anos. Ele é um homem atraente, magro, de 34 anos, bem bronzeado e com ar aventureiro. Já está bem impressionado com VERA.*)

LOMBARD. (*Observando a sala; muito interessado*) Então é assim!

VERA. Tudo tão adorável!

ROGERS. Srta. Claythorne!

VERA. O senhor é... Rogers?

ROGERS. Sou. Boa noite, senhorita.

VERA. Boa noite, Rogers. Pode trazer minha bagagem e a do capitão Lombard?

ROGERS. Pois não, senhorita. (*Sai pelas janelas C para a E.*)

VERA. (*Para LOMBARD; entrando na sala*) Já estive aqui antes?

LOMBARD. Não... mas já ouvi falar do lugar.

VERA. Por meio do sr. e da sra. Owen?

LOMBARD. (*Cruzando para EB*) Não, do velho Johnny Brewer, um amigo meu, ele construiu essa casa... é uma história triste e comovente.

VERA. Uma história de amor?

LOMBARD. Sim, senhorita... a mais triste de todas. Ele era um velhote rico e se apaixonou pela famosa Lily Logan... casou-se com ela ...comprou a ilha e construiu esse lugar para ela.

VERA. Soa romantissíssimo.

LOMBARD. Pobre Johnny! Pensava que ao separá-la do resto do mundo... sem nem um telefone como meio de comunicação... conseguiria segurá-la.

VERA. Mas é evidente que a bela Lily se cansou de sua torre de marfim... e fugiu?

LOMBARD. Ahn. Johnny voltou para Wall Street, ganhou mais alguns milhões, e a casa foi vendida.

VERA. E cá estamos. (*Andando como se fosse sair pela porta E 1*) Bem, preciso encontrar a sra. Owen. Os outros vão subir daqui a pouco.

LOMBARD. (*Impedindo*) Seria muita grosseria me deixar aqui completamente sozinho.

VERA. Seria, é? Ah, bem, onde será que ela está?

LOMBARD. Vai aparecer quando estiver pronta. Enquanto aguardamos (*Acenando para o armário de bebidas*), acha que eu poderia tomar um drinque? Estou sedento. (*Passa abaixo do sofá até DB e começa a preparar drinks.*)

VERA. Claro que poderia.

LOMBARD. É certo que esquentou depois daquela subida íngreme. O que vai ser para você?

VERA. Não, obrigada, nada para mim... Não em serviço. (*Vai para trás da cadeira à DC.*)

LOMBARD. Uma boa secretária nunca está de folga.

VERA. É mesmo. (*Examinando a sala*) Isso é emocionante! (*Passa abaixo do sofá para o CA.*)

LOMBARD. O quê?

VERA. Isso tudo. O cheiro do mar... as gaivotas... a praia e essa casa adorável. Vou me divertir.

LOMBARD. (*Sorrindo. Aproxima-se*) Acho que vai. Acho que nós dois vamos. (*Levantando o copo*) Um brinde a você... é encantadora.

(*ROGERS entra pela porta C vindo da E com duas malas e desce até a EC.*)

VERA. (*Para ROGERS*) Onde está a sra. Owen?

ROGERS. O sr. e a sra. Owen só chegam de Londres amanhã, senhorita. Pensei que soubesse.

VERA. Amanhã... mas...

ROGERS. Tenho aqui a lista dos convidados, senhorita, se quiser pode ficar com ela. Os passageiros do segundo barco acabam de chegar. (*Oferece a lista*)

VERA. Obrigada. (*Pega a lista. ROGERS sai para o hall pela porta E 1.*) Que desagradável, vejamos, você vai ter a delicadeza de me ajudar, não?

LOMBARD. Não vou sair do seu lado.

VERA. Obrigada. (*Lê a lista. Os DOIS cruzam para a DB*) Foi uma bobagem terem trazido só nós dois no primeiro barco e todo o resto no segundo.

LOMBARD. Receio que tenha sido planejado e não por acaso.

VERA. Planejado? Como assim?

LOMBARD. Sugeri ao barqueiro que não havia necessidade de esperar pelos outros passageiros. Isso e cinco xelins fizeram o motor dar a partida.

VERA. (*Rindo*) Ah, não deveria ter feito uma coisa dessas!

LOMBARD. Bem, não é um grupo muito empolgante, é?

VERA. Achei o rapaz bastante bonito.

LOMBARD. Singelo. Sem dúvida, singelo. E muito, muito novo.

VERA. Suponho que ache que um homem com seus trinta anos seja mais atraente.

LOMBARD. Não acho, minha querida... eu sei.